

OESP
22/4/97 CA 324
Pataxó Há Há Há
513

O ESTADO DE S. PAULO

Cidades

TERÇA-FEIRA, 22 DE ABRIL DE 1997

C1



Itamar Miranda/AE

Tensão na cadeia

Amotinados mantêm 4 funcionários reféns em Praia Grande. Pág. 6

Protesto na estrada

Perueiros bloqueiam Anchieta e atrapalham volta do paulistano. Pág. 8



Marcos Mendes/AE

Índios preparam atos contra morte de pataxó

Serão protestos contra a morte de Galdino Jesus dos Santos, queimado vivo por jovens de Brasília

ISABEL BRAGA

O índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, de 44 anos, que foi queimado vivo na madrugada de domingo por cinco jovens de classe média, morreu às 2 horas de ontem, em Brasília. O laudo da morte, assinado pelo médico Paulo César Moraes, plantonista da unidade de queimados do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN), atesta que o índio teve 95% do corpo queimado — 85% de queimaduras de terceiro grau e 10% de lesões parciais profundas.

O corpo foi transferido para o Instituto Médico-Legal às 9h10 de ontem, onde foi tratado com formol, para que pudesse ser transportado até a aldeia indígena Caramuru-Catarina-Paraguaçu, no sul da Bahia. A Fundação Nacional do Índio (Funai) fará o traslado do corpo em voo da empresa Rio-Sul/Nordeste para Ilhéus, com saída prevista para hoje às 10 horas.

Segundo o diretor-geral da Polícia Civil do Distrito Federal, Teodoro Rodrigues, o corpo de Santos não foi embalsamado porque os índios não admitiram a retirada das vísceras, procedimento necessário para o embalsamamento. Na formolização, as vísceras são retiradas, mas recolocadas novamente.

O laudo do IML atesta como causa da morte insuficiência renal e respiratória e falência múltipla dos órgãos provocada por queimaduras. Como não conseguiu levar o corpo ontem mesmo para a aldeia no sul da Bahia, parte da família que veio com Santos até Brasília — o pai e sete primos — decidiu fazer o velório no Memorial dos Povos Indígenas, próximo ao palácio do governo do Distrito Federal.

Ritual — Na Bahia, os índios da aldeia pataxó há há há, do município de Pau Brasil, a 550 quilômetros de Salvador, preparam uma grande manifestação para o sepultamento de Santos. Eles vão pedir a punição rigorosa aos criminosos e justiça social para os índios. O sepultamento será na reserva dos pataxós, a seis quilômetros da cidade.

Durante a cerimônia, os índios vão dançar o toré, em ritual pela morte de Santos. O toré é uma dança em círculo, realizada tanto em situações de alegria como nas de tristeza. Na celebração fúnebre, dançam homens, mulheres e jovens, de forma bastante comedida. Na descrição do pai de Santos, Juvenal Rodrigo Pataxó, essa dança "é muito triste", e com ela os índios pretendem "tirar o mau espírito". É uma espécie de purificação da alma do morto.

Santos não será enterrado como seus antepassados, que eram lançados em uma vala, envoltos apenas em lençóis. O corpo do índio está em um caixão lacrado. "Só os mais velhos é que ainda são enterrados sem roupa", contou um primo de Santos, Gerson Pataxó.

Santos tinha uma filha de 12 anos e criava ainda outros dois índios. A mulher dele, Niú, que dependia do



Ed Ferreira/AE

Índios pataxós e sem-terra fazem ato na parada de ônibus onde Santos foi incendiado: corpo será trasladado hoje para Pau Brasil



Reprodução

Max Rogério Alves, de 19 anos



Reprodução

Antônio Novely Vilanova, 19 anos



Reprodução

Eron Clóvis Oliveira, 18 anos



Reprodução

Tomás Oliveira de Almeida, 19

marido para sua subsistência e a dos filhos, será agora assistida por outros integrantes da tribo.

Os 1.700 pataxós há há há moram em uma reserva de mil hectares na Fazenda São Lucas, em Pau Brasil. Eles reivindicam há 15 anos a ampliação para 36 mil hectares, o que vem causando conflitos constantes com fazendeiros da região.

Segundo os índios, nove pataxós foram mortos em conflitos de terra nos últimos anos em Pau Brasil. Em Brasília, Galdino Santos tinha a missão de tratar da questão da demarcação das terras da Fazenda São Lucas na Funai.

Protestos — O prefeito de Pau Brasil, Durval Santana (PMDB), decre-

tou luto de 3 dias. O Conselho Indigenista Missionário (Cimi) da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) classificou o caso como uma manifestação "neo-nazista".

Para protestar contra a violência sofrida por Santos, a tribo dos xavantes está organizando uma grande manifestação na capital federal. A idéia, segundo o porta-voz dos xavantes, Humberto Abhoodi, é reunir em Brasília representantes de diversas tribos — xavante, guarani, terena, kaiva e riki-batsa.

O Conselho Indigenista Missionário (Cimi) também está articulando um ato ecumênico para a próxima semana contra a violência e a impunidade. (Colaborou Biaggio Talento)

VELÓRIO É NO MEMORIAL DOS POVOS INDÍGENAS

Governador decreta luto oficial

BRASÍLIA — O governador do Distrito Federal, Cristóvam Buarque, decretou ontem luto oficial de três dias em razão da morte do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos. Entretanto, as diversas comemorações e até mesmo o show com o cantor Alceu Valença, previsto para ontem à noite, em comemoração aos 37 anos de fundação de Brasília, não foram cancelados. Cristóvam partici-

pou dos eventos previstos na programação, mas informou que não iria ao show por causa do assassinato.

Segundo o secretário de Comunicação do DF, Luiz Gonzaga Motta, o governador soube da morte do índio logo de manhã. "Não dava mais para cancelar a programação", afirmou Motta, afirmando que os artistas convidados já estavam na cidade. (I.B.)

'Estamos passando de todos os limites', diz FH no Canadá

Presidente quebrou o protocolo para falar com os jornalistas e repudiar o crime de Brasília

JOÃO DOMINGOS
Enviado especial

OTTAWA — O presidente Fernando Henrique Cardoso qualificou ontem de trágico e repulsivo o ato cometido por jovens de Brasília, que atearam fogo na madrugada de domingo no índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, provocando sua morte. "Acho que estamos passando de todos os limites nesta forma de violência", afirmou. "Ainda bem que estão presos." O episódio poderá provocar protestos durante a visita presidencial.

Para lamentar e condenar a atitude dos jovens, o presidente quebrou o protocolo do cerimonial do governo do Canadá. Depois de ser recebido com honras de chefe de Estado e de governo pelo governador-geral do Canadá, Roméo LeBlanc, e de cumprimentar as autoridades presentes, Fernando Henrique deu meia-volta, sem se preocupar com o tapete vermelho, e procurou os jornalistas.

"Quebrei o protocolo para falar por intermédio de vocês, para transmitir ao Brasil meu sentimento por este fato trágico e de repulsa". Para Fernando Henrique, nada justifica tal violência. "Não há miséria que justifique, não é uma questão de polícia, não é uma questão do poder público: é algo que vai além disso." Segundo ele, chegou o momento de todos pensarem mais seriamente sobre si próprios.

"Queremos ser um País diferente; não estamos conseguindo este nosso objetivo." Fernando Henrique lembrou que tal violência tem até paralelos em outros países, mas o Brasil não pode nunca aceitar este tipo de coisa. "É uma questão de crueldade." Ele lamentou que sua primeira declaração no Canadá tenha sido sobre um fato dessa natureza.

Potiguara — Fernando Henrique disse que, no domingo, conversou com o ministro interino da Justiça, Milton Seligman, e com o governador de Brasília, Cristóvam Buarque (PT). "O sentimento é de todos, é de incompreensão e de repulsa."

O índio potiguara Tiorê-Poti, da Paraíba, foi o primeiro indígena do mundo a receber asilo político no Canadá por questões raciais. Dizendo-se ameaçado de morte por brancos, Tiorê pediu asilo em 1989. Hoje, mais de 7 mil índios do mundo todo detêm cidadania canadense.

■ Mais informações nas páginas 3 e 4 e sobre a viagem do presidente na A6

SELVAGERIA

ONG inglesa cobra providências do governo

"Quantas mortes terão ainda que ocorrer antes que o governo brasileiro tome alguma ação?", diz a nota oficial divulgada pela Survival International, que cuida da proteção dos povos indígenas

ELIZABETH LOPES
Especial para o Estado

LONDRES — A Organização Não-Governamental Survival International, da Inglaterra, que cuida da proteção dos povos indígenas, divulgou ontem uma nota oficial cobrando providências das autoridades brasileiras em relação ao assassinato do índio Galdino Jesus dos Santos. "A Survival está chocada com mais esse acontecimento", diz a nota. "Quantas mortes terão ainda que ocorrer antes que o governo brasileiro tome alguma ação?" continua, alertando para o fato que este é mais um assassinato de índio que poderá ficar sem providência.

Um dos assessores da Survival, Richard Darsidee, disse ontem ao Estado que nos últimos três anos ocorreram mais de 100 mortes de índios no Brasil e até o momento nenhuma providência foi adotada. Ele citou como exemplo o assassinato do irmão de Santos, ocorrido há dez anos, e o massacre de

14 índios Tikuna, em 1988. "Até o momento nenhum dos envolvidos foi levado à julgamento", afirmou o assessor.

A nota oficial da Survival destaca também que a Justiça brasileira está novamente sendo julgada. E reitera que se os assassinos de Santos continuarem livres, será outra traição à população indígena do Brasil. A nota deixa claro que a Survival fará pressões junto ao governo brasileiro, principalmente ao Ministério da Justiça, para que os assassinos sejam julgados

EM 3 ANOS, SEGUNDO A ONG, FORAM MAIS DE 100 ÍNDIOS MORTOS NO BRASIL

Apoio — Fundada em 1969, a Survival é uma organização que dá apoio às populações tribais, ajudando principalmente na preservação da vida desses povos.

Além de lamentar a morte de Santos, Richard Darsidee disse que foi muito triste isso ter ocorrido próximo ao Dia do Índio, 19 de abril. "Numa data em que se poderia celebrar a vida indígena, registramos uma tragédia", reiterou o assessor.



Juvenal Pataxó, pai do índio Galdino Jesus dos Santos: traição

ARTIGO Os sem-alma

RICARDO AMARAL

BRASÍLIA — O brasileiro Galdino Jesus dos Santos foi imolado numa fogueira de símbolos. Era da tribo dos pataxós, como seus primos que receberam Pedro Álvares Cabral há 497 anos, comemorados hoje. Veio a Brasília reclamar cinco séculos de esbulho e misturou-se à marcha dos sem-terra, seus parentes mais próximos na árvore genealógica da injustiça. Galdino festejou o 19 de Abril, Dia do Índio no calendário dos outros. Por ser índio, deram-lhe com a porta na cara na pensão da Avenida W-3. Por ser pobre, dormiu no ponto de ônibus e foi queimado como lixo por cinco rapazes bem-nascidos.

Os rapazes que riscaram o fósforo não viram os símbolos. No asfalto da W-3, o brasileiro Galdino Jesus dos Santos não era um sem-terra, um sem-demarcação, um sem-emprego, um sem-teto. Era um sem-cidadania. Há 500 anos, a Igreja Católica perdeu bom tempo discutindo se os índios tinham alma, esse atributo que diferenciava os homens dos animais. Eram uma "raça imperfeita". Os rapazes devem ter visto apenas isso: o exemplar de uma raça imperfeita, inferior e fedorenta, um mendigo dormindo no ponto. Fogo nele.

Brasília tem maus antecedentes. Nos anos 70, um garoto de sete anos foi barbarizada e morta por gente "bem" que escapou da Justiça por ser gente "bem". Nos 80, o filho de um casal de jornalistas foi assassinado pelos vizinhos numa exibição macabra de artes marciais à luz do dia.

O que essa gente vê? Vê o filho do ministro atropelar, matar, fugir e ser condenado, a nada, a pagar uma cesta básica mais barata que sua mesa. Até ontem à noite, os policiais estavam convencidos de que os cinco rapazes mataram Galdino "de cara limpa" — a única droga injetada em suas veias era a da impunidade.

Assim mesmo, não é justo imputar apenas a Brasília, com sua gente "bem" e sua arquitetura bonita por fora e inabitável por dentro, a culpa pelo que ocorreu entre o Dia do Índio e o aniversário do Brasil. Seria simplificar o complicado e demonizar o que é tristemente humano. A barbárie não é monopólio de ninguém. Para falar de casos recentes, jovens franceses afogaram um marroquino no Sena, desempregados alemães queimaram turcos dentro de casa e fanáticos norte-americanos explodiram uma creche em Oklahoma. E daí?

Daí que a fogueira de símbolos ateados pelos cinco jovens de Brasília ilumina uma realidade mal percebida.

atacaram um índio, nem sabiam identificar um deles em sua curta existência. Mataram um pobre, pelo simples e bastante fato de ser pobre. Alguém sem direitos, sem representação no Congresso, lobby na Esplanada, amigos na Justiça, o brasileiro real. A pergunta a fazer, diante disso, a mesma que o presidente Fernando Henrique Cardoso fez ao governador Cristovam Buarque, anteontem à noite: Por quê? Talvez porque exista um Brasil dos sem-alma.

■ Ricardo Amaral é jornalista

A fogueira de símbolos ateados pelos cinco jovens de Brasília ilumina uma realidade mal percebida

Para Funai, crime foi fatalidade

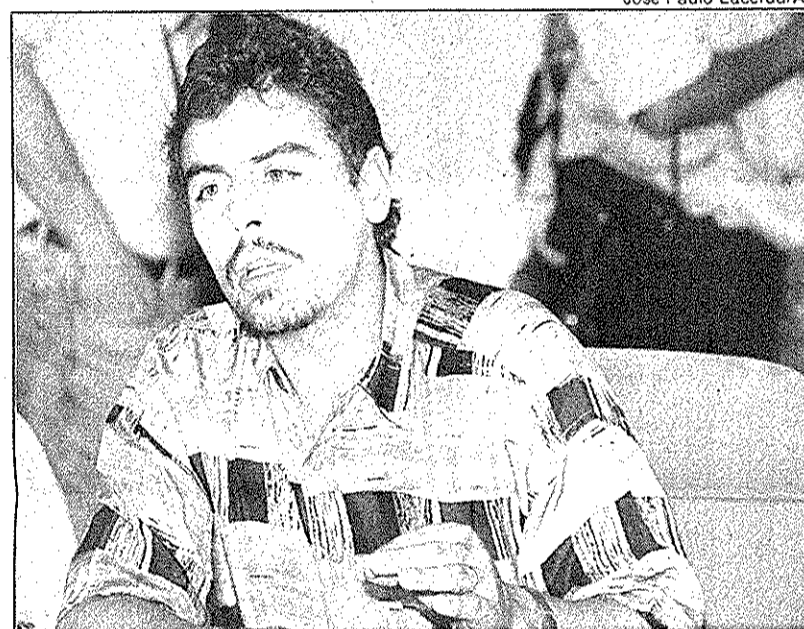
VÂNIA CRISTINO

BRASÍLIA — O presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Júlio Gaiger, eximiu, ontem, de qualquer responsabilidade o órgão que preside pela morte do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos. "Não houve negligência da Funai; foi uma fatalidade", frisou Gaiger, numa nervosa entrevista concedida, no Ministério da Justiça. Na entrevista, ele anunciou que já estão garantidos os recursos para a construção da Casa do Índio, em convênio com a Fundação Hospitalar do Distrito Federal.

Acompanhado pelo cacique Samado, da comunidade pataxó, e pelo índio Gerson, primo de Galdino, Júlio Gaiger evitou responder pergun-

tas sobre as circunstâncias da morte de Galdino. "O importante, para os pataxós, é o problema da terra." Segundo ele, o órgão não tem condições de designar funcionários para acompanhar os índios pela cidade. Ele afirmou ainda que é uma questão de ordem interna o fato de a pensão não ter deixado o índio entrar, de madrugada.

Oito pataxós estavam hospedados, por conta da Funai, numa pensão. Gaiger admitiu que vem enfrentado problemas com as três pensões que hospedam os índios em Brasília. Segundo ele, os problemas começaram quando ele resolveu estabelecer critérios para a cobertura das diárias, o que fez com que as despesas caíssem de R\$ 240 mil por mês para cerca de R\$ 30 mil.



Gaiger, presidente da Funai: "Não houve negligência do órgão"

Pataxós foram pedir posse da terra

BRASÍLIA — Os índios pataxós vieram a Brasília buscar apoio da Fundação Nacional do Índio (Funai), da Câmara dos Deputados e da Procuradoria-Geral da República para resolver a questão da posse da terra. "Pataxó não veio para passear. Viemos buscar apoio do governo para o problema da terra. E o que a gente ganhou foi ser tratado como bi-

cho", desabafou Gerson Pataxó, primo do índio assassinado numa parada de ônibus.

Os pataxós vêm sofrendo com a falta da posse da terra, disse Gerson. Em 1926, o governo da Bahia concedeu aos índios 36 mil hectares de terra. Só que a área foi reduzida, com o passar dos anos, a apenas 1.079 hectares. (Vânia Cristino)

Apontados 233 casos de violência nos últimos 2 anos

BRASÍLIA — A morte de Galdino Jesus dos Santos foi um dos 233 casos de violência praticadas contra índios nos últimos dois anos. Segundo o mais recente relatório da Fundação Nacional do Índio (Funai), 25 índios foram assassinados em 1995 — 15 crimes foram cometidos por brancos. Um dos mortos era João Cravim, irmão de Galdino. Os culpados nunca foram punidos. Segundo o relatório, a violência contra os índios cresceu 145%. Em 95, houve ainda 5 ameaças de morte, 35 agressões, 33 espancamentos, 7 casos de violência sexual, 34 tentativas de assassinato e mais de 90 seqüestros.

Há 20 anos o povo pataxó luta para tirar fazendeiros e plantadores de cacau de suas terras, em Ilhéus (BA). O conflito causou várias mortes, não só por assassinatos. Segundo o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), crianças morreram de sede pois fazendeiros impedem o acesso à água potável, reservada ao gado. "Galdino não veio a Brasília passear ou mendigar", diz uma nota do Cimi. "Veio tratar da grave situação em que vive sua comunidade." Galdino e lideranças pataxós iriam se encontrar com o presidente da Funai, Júlio Gaiger, para tratar da liberação da área invadida. (Edson Luiz)

TELETRIM SEM JUROS EM MAIS UMA SUPER PROMOÇÃO PRA VOCÊ.



NEC TRACKER
2 x R\$ 79,00
a vista R\$ 158,00

Seguro opcional 2,00 mensais

GRÁTIS
TAXA DE INSCRIÇÃO / ATIVAÇÃO

TELE VENDAS
5505 5566
das 8:00 às 20:00h.

Ligue já e receba em 24 horas o seu Teltrim em casa ou escritório, São Paulo e Grande São Paulo.

SERVIÇOS EXCLUSIVOS TELETRIM

- DIGITRIM
 - RECUPERAÇÃO DE MENSAGENS
 - PROGRAMAÇÃO DE MENSAGENS
 - COBERTURA LOCAL
 - CAPITAL/CAPITAL
 - ENVIO DE MENSAGENS VIA INTERNET
- <http://www.teltrim.com.br>



Ligando o mundo a você.

PAGUE COM CARTÃO DE CRÉDITO EM ATÉ 12X: Credicard - Diners - Amex - Bradesco Visa - Real Visa - OuroCard Visa

Revendas Autorizadas

SH. SP MARKET Av. Nações Unidas, 22540 Av. 6 - Quiosque Teletrim Interlagos Tel: (011) 547.0879	SHOPPING PENHA R. Dr. João Ribeiro, 304 Quiosque Teletrim - Piso 2 Tel: (011) 217.4723	SHOPPING PAULISTA R. 13 de Maio, 1947 Quiosque Teletrim Piso Paulista Tel: (011) 251-1919	MORUMBI Av. Chucrri Zaidan, 80 - Bl. A Próx. ao Morumbi Shopping Loja Teletrim Tel: (011) 534.0793	CENTRO Av. Brig. Luis Antonio, 384 Loja Teletrim Tel: (011) 239-1249	CENTRO Quiosque Teletrim Galeria Metrópole Pça. Dom José Gaspar, 106 Tel: (011) 257-0036	METRÔ CLÍNICAS Quiosque Teletrim Tel: (011) 6916.7816	CARANDIÚVA Fast Shop Quiosque Teletrim Av. Zaki Narchi, 1650 Av. Sul Tel: (011) 950-4755	SH. ARICANDUVA Fast Shop Av. Aricanduva, 5555 Av. Sul Tel: (011) 6916.7816	SHOPPING IBERAPUERA Fast Shop Piso Campo Belo Lj 38 Tel: (011) 237-2767	SHOP PLAZA SUL Av. Prof. Abrão de Moraes, 1711 2º piso - Quiosque Teletrim Tel: (011) 855-7438	GUARULHOS Cellular Air Point Aeroporto Internacional de Guarulhos Tel: (011) 6445.3827 6443.3792
ITAQUERA T.L.D. Av. Líder, 2233 Tel: (011) 0800.1555596 / 944.5586	JABAQUARA Next 1 R. Dos Curupids, 280 2º and. - Sl. 08 Tel: (011) 5585.3196	CIDADE OUTRA Cervit R. Antonio Carlos Tacconi, 225 2º andar - Sl. 501 Tel: (011) 5666.7600	CENTRO Artel Pça. João Mendes, 52 5º andar - Sl. 501 Tel: (011) 606.1171	LAPA Bellei R. Clemente Álvares, 233 Gj 02 Tel: (011) 832-8822/832-4111	SANTO ANDRÉ Alpha Video Rua Marina, 312 Bairro Campestre Tel: (011) 440.5611	SÉ Balcão dos Negócios Av. Washington Luiz, 3919 Loja - 5 Tel: (011) 548-2122	SÃO VICENTE R.P.G. São Vicente Rua Frei Gaspar, 501 Centro Tel: (013) 467.1333/473.6999	SH. MATARAZZO Century Cell R. Turianuss, 2100 Lj. 505 - 1º piso Tel: (011) 871-2916	SANTOS On Line Av. Senador Pinheiro Machado 600 - Lj. 11 - Marapé Tel: (013) 237-2767	SH. BARÃO DE ITAPETINGA GAAT R. Barão de Itapetinga, 50 7º andar - G. 726 Tel: (011) 258.7888 / 3159.1503	
JUNDIAÍ Checkidisk Av. Nove de Julho, 1155 Lj. 209 Tel: (011) 7396.7770	VILA CARÃO S.L. Telefones Av. Conselheiro Carão, 1848 Tel: (011) 941.7272	SANTANA Net Company Av. Nova Cantareira, 849 Tel: (011) 681.6339	SÃO MIGUEL PAULISTA Agatel Av. São Miguel, 8039 Tel: (011) 956.4888	IV PARADA Central R. Serra de Jaire, 72 Tel: (011) 292.0344	SANTO AMARO Rekintel Rua Mendel, 49 Tel: (011) 524-4165	SANTO AMARO Tac Cell Av. Santo Amaro, 829 Tel: (011) 866.7488	MÓDI DAS CRUZES Alexandre Telefones R. Correa, 412 Tel: (011) 469-4823	VILA DOS REMÉDIOS Foto São Paulo Pça. N. Senhora dos Remédios, 13 R. Santa Clara, 36 Tel: (011) 707.6880	BRÁS Bras Fone Av. Tucuruvi, 248 - Lj. 14 Tel: (011) 292.5077	LUZ I.J.C Comunicações R. Dutra Rodrigues, 188 Rua Afonso Celso, 972 Tel: (011) 227.1161/227.3631	METRÔ SANTA CRUZ Carteira de Telefones Rua Afonso Celso, 972 Tel: (011) 572.1866
PINHEIROS Planet Cell R. dos Pinheiros, 365 Tel: (011) 3061.9391	JANDIRA Cacá Video R. William Waddez, 07 Tel: (011) 427.3044	CERQUEIRA CÉSAR Contel Av. Paulista, 807 - 19º and coq. 1918 - Tel: (011) 283.9000	SANTANA Top Telecomunicações R. Alfredo Pogg, 694 Tel: (011) 299-3410	JD. ANGELA Unibrascom Estr. Do M. Bol. Mirim, 4844 R. Ziba, 38 Tel: (011) 5891.0237	FREGUESIA DO Ó Casa Nova R. Ziba, 38 Tel: (011) 875.2000	PENHA Teleflash R. Henrique S. Queiroz, 25 Tel: (011) 293-9245	ALPHAVILLE Virtual Office Cajadão das Margaridas, 191 Tel: (011) 7295-6533 (r. 212)	ARUÁ Trimatel R. Major Benjamin Franco, 218 Av. Tucuruvi, 466-4220 Tel: (011) 456.4220	TUCURUVI Let's Talk Celular Av. Tucuruvi, 248 - Lj. 14 Tel: (011) 952.2821	VILA RÉ Mille Av. Itinguçu, 1705 Tel: (011) 958-4176	SH. MARKET PLACE Shop Phone Av. Das Nações Unidas, 13947 1º Subsolo - Tel: (011) 331.6626

KÄRCHER

K 620 Móvil
Uso doméstico com stop total

à vista R\$ 453, ou
4x R\$ 118,00

Dados técnicos
Pressão 1300 lb / 1600 lb
Vazão 800 l/h / 450 l/h
Potência 1,4 Kw / 2,2 Kw
Tensão 110V / 220V

HD 585 - Profi
Eficiente e fácil de manusear

à vista R\$ 457, ou
4x R\$ 119,00

Dados técnicos
Pressão 1600 lb
Vazão 800 l/h
Potência 2,2 Kw
Tensão 220V

HD 640 S
Prática e Moderna. Alto rendimento

à vista R\$ 817, ou
4x R\$ 212,00

Dados técnicos
Pressão 1890 lb
Vazão 550 l/h
Potência 2,4 Kw
Tensão 220V Mono

HD 800 / HD 1200
Água fria para uso Profissional

HD 800 à vista R\$ 1.545, ou
4x R\$ 402,00

Dados técnicos
Pressão 1600 lb / 2100 lb
Vazão 800 l/h / 1200 l/h
Potência 3,0 Kw / 5,5 Kw
Tensão 220V ou 220V ou 380V Trif

HD 1200 à vista R\$ 1.840, ou
4x R\$ 479,00

HDS 800 / HDS 1200
Água quente e fria

HDS 800 à vista R\$ 2.580, ou
4x R\$ 672,00

Dados técnicos
Pressão 1600 lb / 2100 lb
Vazão 800 l/h / 1200 l/h
Potência 3,9 Kw / 7,8 Kw
Tensão 220V ou 220V ou 380V Trif

HDS 1200 à vista R\$ 3.330, ou
4x R\$ 867,00

REVENDEDOR E SERVIÇOS AUTORIZADOS
R. FAUSTOLO, 1013 - LAPA - SP
com estacionamento

PBX (011) FAX **872-0547**

Preço médio cobrado por hora de serviço. Faturar 30 dias de cada modelo. Pagamento 4 vezes - entrada = 28 + 56 + 84 com juros de 3% a.m. Garantia de 01 ano

HC

REVENDEDOR E SERVIÇOS AUTORIZADOS
R. FAUSTOLO, 1013 - LAPA - SP
com estacionamento

PBX (011) FAX **872-0547**

Preço médio cobrado por hora de serviço. Faturar 30 dias de cada modelo. Pagamento 4 vezes - entrada = 28 + 56 + 84 com juros de 3% a.m. Garantia de 01 ano

Polícia dá tratamento especial a acusados

Delegado desistiu de colocar rapazes que mataram índio em cela comum por temer que eles fossem mortos; detentos gritavam: "Olha aí os filhinhos de juiz, botem eles aqui com a gente"

GUSTAVO PAUL

BRASÍLIA — A polícia do Distrito Federal concedeu tratamento especial para os quatro rapazes acusados de matar o índio Galdino Jesus dos Santos, queimando-o vivo enquanto ele dormia na madrugada de domingo. Max Rogério Alves, Eron Chaves Oliveira, Antônio Novely Vilanova e Tomás Oliveira de Almeida passaram a noite em uma sala da Coordenação de Polícia Especializada (CPE), da Polícia Civil.

Os rapazes foram transferidos no início da tarde de ontem para o Núcleo de Custódia da Penitenciária da Papuda, no Distrito Federal. "Temos de dar segurança para essa garotada", explicou o delegado Teodoro Rodrigues, diretor-geral da Polícia Civil do DF.

Para transportar os rapazes, a polícia trocou o camburão por três automóveis modelo Santana, zero quilômetro. "Nosso camburão está estragado", afirmou Rodrigues. Na CPE, onde existem apenas 140 vagas, estão 310 presos. "Tem criminoso ali dentro que adoraria pegar um garoto desses e trucidar."

Espera — Segundo o delegado, a CPE não é cadeia e sim um "quebra-galho da Justiça", onde só ficam retidos os presos perigosos e condenados, à espera de uma vaga em presídio. "Esses garotos são primários, sem antecedentes e têm residência fixa", lembrou. "Eles não podem pagar por ser filhos de algum fulano." Os quatro rapazes passaram a

noite em uma sala utilizada para o reconhecimento de presos e para onde são mandadas as presas que vão para o CPE. A sala, de 3 metros quadrados, tem grades nas janelas e ventilação, mas não tem instalação sanitária. Foi colocada uma garrafa de refrigerante para que eles pudessem urinar. Segundo policiais, os rapazes receberam colchonetes e cobertores dos parentes e passaram a noite dormindo. Também receberam o café da manhã normal dos detentos, passaram a manhã conversando e só receberam a visita do advogado Rommel Parreira Corrêa.

O delegado Silvério Antônio Moita de Andrade, diretor da divisão de administração da CPE, contou que a idéia inicial era colocar os rapazes em celas comuns, mas desistiu em razão da recepção dada pelos outros detentos. "Olha aí os filhinhos de juiz, botem eles aqui com a gente", gritaram os presos.

Os presos referiam-se principalmente a Antônio Villanova, de 19 anos, filho do juiz federal Novely Vilanova da Silva Reis. Durante a transferência para a nova detenção, os rapazes saíram em silêncio, com a cabeça baixa ou escondendo o rosto com camisas.

Apenas Max Rogério Alves, também de 19 anos, enteado do ex-ministro do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) Valter Medeiros, disse alguma coisa. "Estou muito arrependido", afirmou, em tom de irritação e com a cabeça coberta pela camiseta. O menor G.N.A., de 16 anos, permanece no Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Caje).

MENOR PERMANECE EM CENTRO ESPECIALIZADO

Brasília registra casos semelhantes de violência

No ano passado, um mendigo foi queimado vivo e encontrado morto dentro de uma lixeira

BRASÍLIA — Casos de pessoas queimadas não são raros em Brasília. Na Unidade de Queimados do Hospital Regional da Asa Norte (HRAN) são registrados vários fatos dessa natureza. O mais recente ocorreu no Núcleo Bandeirantes, cidade-satélite do Distrito Federal. Um conhecido mendigo do local foi encontrado morto, no ano passado, dentro de uma lixeira.

Segundo médicos do HRAN, a descoberta dos autores dos atentados é um fato raro. "Este caso, envolvendo o índio, foi uma exceção", disse a administradora do HRAN, Ângela Cristina Paulo do Espírito Santo. O caso do mendigo, mesmo tendo ocorrido em frente de um mercado público, não teve nenhuma testemunha.

Vários casos de violência em Brasília são atribuídos a grupos de rapazes da classe média alta. Em agosto de 1993, Marco Antônio Velasco Pontes, de 16 anos, foi morto por uma gangue formada por 11 adolescentes, todos de famílias da classe média da Asa Norte de Brasília, que foram julgados e condenados.

O caso mais famoso de violência em Brasília é o estupro e morte da menina Ana Lúcia Braga, de 7 anos, em 1973. Entre os suspeitos figurava Alfredo Buzaid Júnior, filho do então ministro da Justiça, Alfredo Buzaid. E o caso mais recente envolvendo um filho de político foi o atropelamento do operário Elias Barboza Júnior pelo carro dirigido por Fabrício Klein, que estava acompanhado do pai, Odacir Klein. Odacir perdeu o cargo de ministro dos Transportes, mas a juíza Maria Leonou decidiu que não houve omissão de socorro por parte de Fabrício porque o operário morreu na hora. Fabrício foi obrigado apenas a doar 58 cestas básicas.

Impunidade — O promotor de Justiça Francisco Leite reconheceu ontem que a legislação em vigor favorece a impunidade da chamada "elite" da sociedade. Segundo ele, o "azar" dos cinco rapazes que atearam fogo e mataram o índio pataxó Galdino Jesus dos Santos é que existe um agravante jurídico e social no episódio, por se tratar de um indivíduo tutelado pelo Estado. "A sociedade vai ser mais exigente na cobrança da Justiça", previu. Francisco Leite conseguiu punir com 28 anos de prisão o líder da gangue que matou Velasco Pontes. (Edson Luiz e Rosa Costa)

PROMOTOR DIZ QUE LEIS FAVORECEM IMPUNIDADE

Psicólogos criticam excesso de permissividade

Psiquiatra afirma que episódio tem mais a ver com impunidade que com patologia

CLÁUDIA FONTOURA e FABIANA GITSIO

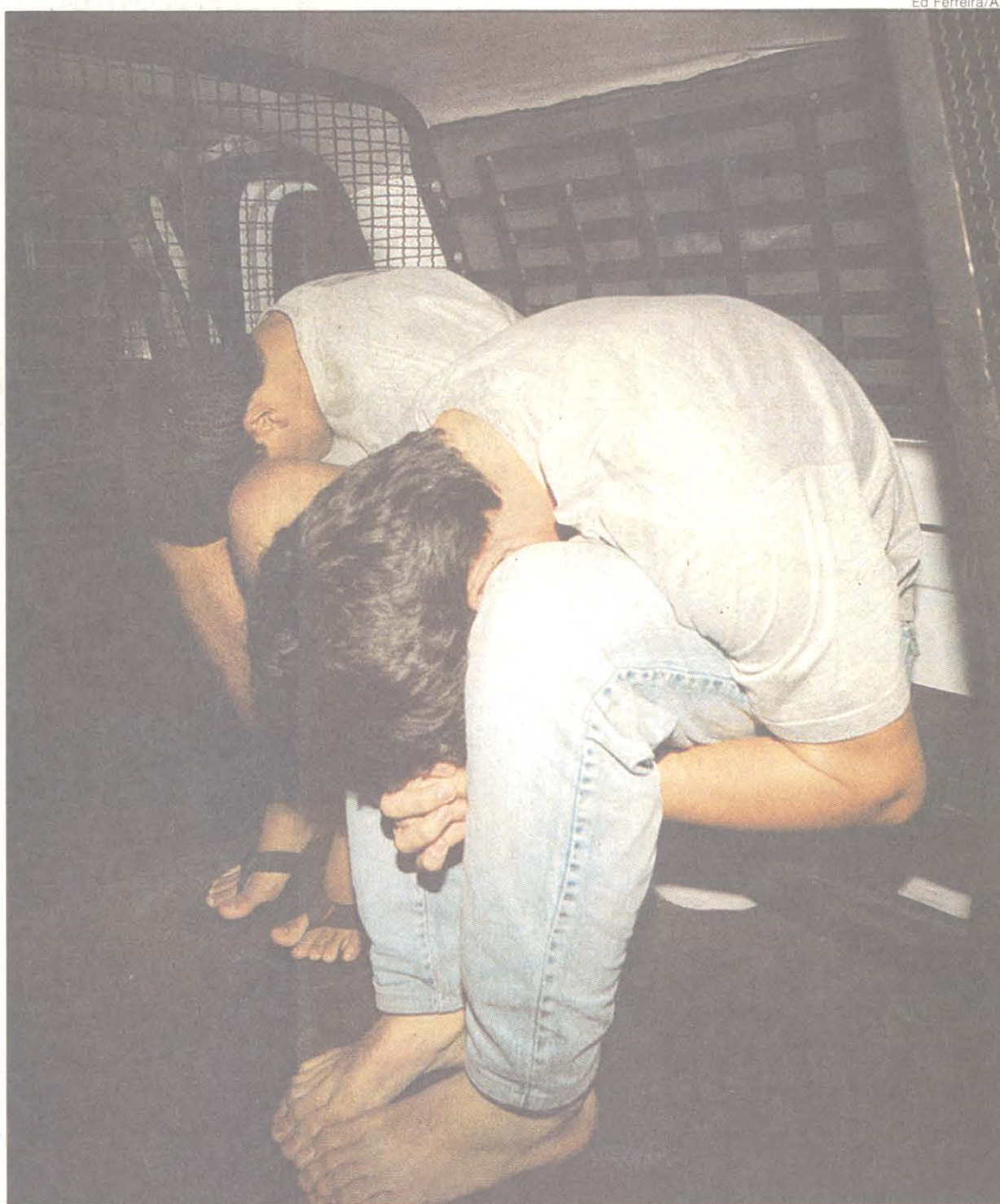
O que leva jovens de classe média alta a atear fogo em um ser humano? Psicólogos e psiquiatras tentam analisar os mecanismos complexos desse tipo de atitude. A confiança total na impunidade e a banalização da vida fornecem algumas pistas.

"O maior problema é a falta de limites", avalia Içami Tiba, especialista em adolescentes e autor do livro *Disciplina: O Limite na Medida Certa*. Ele acredita que alguns pais, por estarem ausentes, acabam sendo

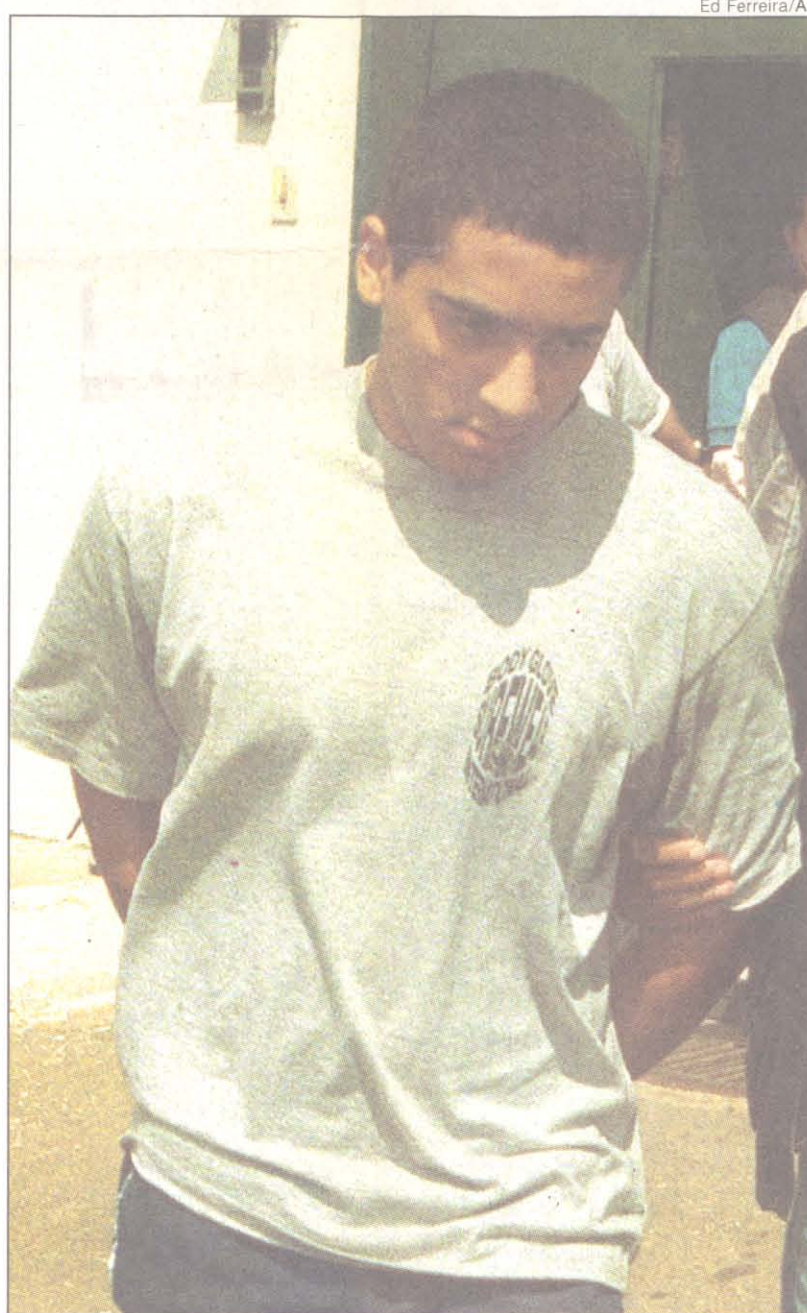
permissivos demais, na ânsia de evitar o sofrimento dos filhos. Isso cria neles a falsa noção de que podem tudo. "A convivência com os filhos é a melhor forma de evitar isso", diz.

Para Tiba, o "estar em grupo" também favorece o comportamento bárbaro. "É como se, junto com os amigos, o superpovo entrasse em falência", analisa. "É pouco provável que fizemos isso individualmente."

O psiquiatra Gabriel Figueiredo, professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC), de Campinas, também crê que a motivação dos garotos de Brasília tenha sido a certeza da impunidade. Em sua opinião eles não apresentam pa-



Transferência dos acusados: "Eles não podem pagar por serem filhos de algum fulano", diz delegado



Antônio Vilanova, um dos assassinos do índio: ameaças na prisão

Pais evitam visitar filhos na cadeia e mantêm silêncio

Defesa vai sustentar que rapazes fizeram apenas "uma brincadeira" e não tinham intenção de matar

BRASÍLIA — Os pais dos cinco rapazes acusados de atear fogo no índio pataxó Galdino Jesus dos Santos mantiveram o silêncio, um dia após o episódio. Nenhum deles foi encontrado em casa, ontem, nem visitou os filhos na Coordenação de Polícia Especializada (CPE) da Polícia Civil do Distrito Federal. Com exceção de Antônio Novely Vilanova, que mora em uma área comercial da Asa Norte, os demais residem em quadras de classe média alta de Brasília.

Segundo vizinhos, todos os estudantes são pessoas comportadas. Max Rogério Alves, de 19 anos, motorista do carro que conduzia os cinco rapazes, mora na quadra 111 Sul, num apartamento de quatro quartos com a mãe e o padrasto, um procurador de Justiça. Os vizinhos informaram que os pais dele viajaram.

Eron Chaves Oliveira, filho de um tenente-coronel reformado da Polícia Militar do DF, reside na quadra 213 Sul. Seus pais deixaram o apartamento pela manhã, carregando malas. Os irmãos Tomás Oliveira de Almeida e G.N.O.A., de 16 anos, moram mais modestamente na quadra 413 Sul e são órfãos de pai. A mãe, uma funcionária pública, provavelmente não saiu de casa ontem, já que o carro da família permanecia estacionado no prédio. A mãe dos estudantes chegou a ir à delegacia na tarde de domingo, mas não ficou muito tempo. Ontem, não atendeu ao telefone do prédio onde mora.

Antônio Novely Vilanova é filho do juiz da 7ª Vara Federal de Brasília Novely Vilanova Reis, mas estava morando com um irmão na Asa Norte. Na quadra 216 Sul, onde morou com os pais até o fim do ano passado, Antônio era conhecido pelos vizinhos como um rapaz quieto e só descia de seu apartamento para jogar futebol na posição de zagueiro.

Defesa — A defesa dos acusados vai sustentar a tese de homicídio culposo e não homicídio qualificado, como considera a Polícia Civil do DF. A informação é do advogado Rommel Parreira Corrêa, contratado para defender Eron Chaves Oliveira, Tomás Oliveira de Almeida e G.N.O.A. "As provas do inquérito vão mostrar que os rapazes estavam fazendo uma brincadeira e não tiveram intenção de matar ninguém", disse Corrêa. (E.L. e G.P.)

Ministro interino da Justiça exige punição exemplar

Milton Seligman reúne-se hoje com Ministério Público para pedir trâmite rápido de processo

EDSON LUIZ

BRASÍLIA — O ministro interino da Justiça, Milton Seligman, afirmou ontem que vai acompanhar pessoalmente a apuração da morte do índio Galdino Jesus dos Santos e os culpados terão que ser punidos exemplarmente. "Estamos acompanhando o caso de perto e vamos fazer tudo para que os acusados sejam julgados logo", disse Seligman.

Hoje, ele se reunirá com o Ministério Público para apressar o trâmite do processo. "O que mais nos indigna, e a toda a sociedade, é que os acusados são pessoas esclarecidas e não estavam bêbados ou drogados", disse Seligman. "Isso é mais uma agravante."

O caso chegou a ser acompanhado pela Polícia Federal (PF). Desde que soube do atentado, por volta das 11 horas de domingo, Seligman pediu à PF um relatório detalhado sobre o ocorrido e, antes mesmo de receber as informações, Seligman foi à 1ª Delegacia de Polícia. "A Polícia Civil e a Polícia Militar do Distrito Federal foram eficientes e em menos de cinco horas já tinham localizado e prendido os rapazes", disse.

As providências adotadas pelo ministro foram bem recebidas pela Human Rights Watch, uma das mais importantes entidades de defesa dos direitos humanos no mundo. "O governo está cumprindo sua parte", constatou o dirigente da Human Rights no Brasil, James Cavallaro.

NOTAS

■ Perplexos, caciques pataxós tentavam ontem encontrar explicações para o assassinato de Galdino dos Santos. O cacique Patiburi, que participou em Salvador de uma exposição de artesanato indígena, disse que a situação está fora de controle. "A minoria está sendo massacrada sem piedade." O cacique Nengo, da aldeia de Santa Cruz Cabralia, desconfia que o assassinato possa ter conotação política, porque Santos era uma pessoa muito "visada": lutava havia anos pela demarcação de terras da aldeia de Pau-Brasil.

■ Ontem, organizações não-governamentais nos EUA começaram a receber informações sobre o caso. A Amanaká, sediada em Nova York, e a Amazon Coalition, que representa 80 grupos, de Washington, foram informadas do assassinato por meio de um fax da Comissão Intertribal, assinado por Marcos Terena. Melina Silverstone, que dirige a Amazon Coalition, disse que sua organização se manifestará, provavelmente, de duas formas: pedindo ao governo, por meio de carta, que os responsáveis sejam processados criminalmente e punidos de forma exemplar e pressionando parlamentares norte-americanos a reforçar o apelo.

■ No Núcleo de Custódia, em Brasília, para onde foram transferidos ontem, os rapazes acusados de matar o índio ficarão em uma cela separada das demais. Terão direito a banho de sol e a comer no refeitório.

■ O representante da Human Rights Watch no Brasil, James Cavallaro, disse ontem no Rio que a morte do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos é mais um exemplo de desrespeito aos direitos humanos no País. A entidade acompanhará a investigação do caso. "Vamos ver se o Estado vai cumprir com suas obrigações, que é apurar o fato e processar os jovens." Segundo ele, a violência contra o índio pode ser caracterizada como um ato de racismo ou de preconceito contra grupos sociais. "Será que eles queimariam um homem alto e louro que estivesse em um ponto de ônibus?"

■ A morte de Santos agravou a situação do presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Júlio Gaiger. Em um ato conjunto de grupos indígenas e integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), realizado ontem no ponto de ônibus em que Santos foi atacado, todos pediam a demissão de Gaiger. Os líderes indígenas estão organizando um encontro para a próxima semana com o objetivo de indicar Jorge da Silva Terena como sucessor de Gaiger.